

Discurso de posse de Álvaro Dias na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras

Senhor presidente Diógenes da Cunha Lima, senhoras acadêmicas, senhores acadêmicos, convidados, amigos, familiares, enfim todos os presentes....

Tenho hoje a alegria, o regozijo, o prazer e o júbilo de transpor os umbrais dessa Casa de Câmara Cascudo para completar uma longa travessia e realizar um sonho por muitos anos sonhado.

Deus sabe o quanto sonhei e lutei, com os humildes limites de minhas forças, para viver este dia e este momento, que para mim representa um dos instantes mais importantes, solenes e sublimes da minha vida.

Por isso, tenho de admitir com absoluta sinceridade, este é um momento de profundo orgulho pessoal. Mas de um orgulho sem soberba, forte e verdadeiro, aquele orgulho que comove e emociona o coração humano.

Do sertão de Caicó até chegar a este casarão da Mipibu, foi uma longa caminhada e uma longa travessia. Agora, passa na minha mente o filme da minha vida. Me faz lembrar Ortega Y Gasset quando ele se indaga o que é a vida? E ele mesmo responde: “Viver é antes de mais nada, ver-se a si mesmo”. Partiu daí para formular seu famoso provérbio: “O homem é o homem e as suas circunstâncias”. E é assim. Concordo com esse aforismo: Eu sou eu e minhas circunstâncias. Foi assim, que nesses dias, me dei conta da grande responsabilidade que tenho com essa nova missão e voltei ao Seridó.

Como todos sabem, nasci na cidade de Caicó, em pleno sertão seridoense e foi lá que aprendi as primeiras letras, no Externato São Francisco de Assis, na Praça do Rosário. É lá, naquele sertão de pedras, espinhos e flores que estão as minhas raízes. Foi lá, que desde a mais tenra infância buscava a leitura, primeiro nas revistas em quadrinhos, depois nos livros que encontrava na casa de familiares ou que comprava nas bancas e sebos, depois nos livros escolares.

Apesar de tanto tempo, ainda sinto nas mãos, o prazer da leitura dos clássicos de Monteiro Lobato, das fábulas de La Fontaine ou dos contos de Andersen, dos irmãos Grinn, de Perrault. Os livros com seus personagens, povoaram a minha infância e meu mundo infantil, com suas histórias e fantasias. Continuo a cultivar meu velho hábito da leitura. É bem verdade que sem os excessos de antigamente, quando não raro, absorto, entretido e compenetrado na leitura, era surpreendido pelos primeiros raios do sol de um novo dia que começava a nascer.

Se acho que houve excessos? Sim, pode ter havido. Mesmo assim, nenhuma noite se perdeu, nenhuma madrugada, nenhum sonho. Nem mesmo a solidão dessas noites, pois nesses momentos solitários, os livros foram sempre a minha melhor companhia e mesmo sem me deixar pregar os olhos, me permitiram muitas vezes, invadir o âmago de algumas temáticas, compensando com o conteúdo e conhecimento adquirido, as horas intermináveis de sono perdido. Por isso que digo: um minuto não se perdeu, um segundo que seja não foi em vão. Pelo contrário, muitos caminhos novos e outros horizontes, antes desconhecidos para mim, pude desvendar com essas leituras. Por isso, valeu à pena e é bom agora, relembra Fernando Pessoa: “Tudo vale a pena, quando a alma não é pequena”. E essas leituras, mesmo madrugada a dentro, para mim, valeram muito a pena.

Até hoje, quando leio novamente alguns desses livros volto no tempo. Os livros são, sempre foram e serão a melhor companhia dos meus momentos de solidão. Por isso estão presentes no meu cotidiano e sempre vão estar. Como disse Mário Vargas Llosa: “Uma pessoa comprometida com a leitura será sempre um crítico, rebelde, inquieto, pouco manipulável e não vai crer em lemas que alguns fazem passar por ideias”. Por esse e outros motivos, nunca parei, nem vou parar com as minhas leituras. Continuo sempre lendo. Livros como “Os Sertões”, de Euclides da Cunha; Capítulos de História Colonial, de Capistrano de Abreu; História Geral da Civilização Brasileira, de Sérgio Buarque de Holanda; Os Índios e a Civilização e O Povo Brasileiro, de Darcy Ribeiro; A República Comunista Cristã dos Guaranis, de Clóvis Lugon; Negros da Terra, de John Manuel Monteiro; História do Brasil, de Heinrich Handelman; História do Brasil, de Robert Southey; entre milhares de outros livros, fazem parte da minha biblioteca pessoal.

Agora, nesses dias, tive de voltar ao sertão, diante da responsabilidade de ter merecido o beneplácito de vocês e ter sido escolhido para compor esta Academia de Letras. As pessoas quando precisam raciocinar, precisam também de paz para pensar e querem ficar isoladas. Aqui em Natal era simplesmente impossível parar com essa finalidade. Lembrei-me fugazmente de Montaigne, que quando resolveu escrever, buscou sua paz no campo, no condado de Perigord, no interior da França, onde se isolou e teve tranquilidade e paz para trabalhar. Lembrei esse exemplo e raciocinei, que se quisesse escrever alguma coisa, teria que me autoexilar de Natal, pelo menos por uns dois dias. Aqui não conseguiria. Resolvi voltar ao sertão, pois não poderia haver lugar melhor para mim do que no interior, no sertão, no campo, onde poderia me isolar, desligar o celular e me dedicar a produzir essas palavras, para me apresentar agora, diante de pessoas com tanta vivência na arte, na cultura, no conhecimento e no saber como os Nobres Acadêmicos, imortais, dessa Casa de Câmara Cascudo.

E foi para lá que eu fui. Permitam-me tentar descrever um pouco do que vi, do que presenciei, do que senti nesses dias no campo. O sertanejo é, em geral, madrugador. Antes do raiar do dia, encontra-se de pé, pronto para a ordenha, para capinar ou plantar seu roçado nas várzeas e vazantes dos rios ou açudes. Tomam um café da manhã reforçado, com pão, leite, queijo de manteiga ou de coalho, tapioca, ovos caipiras fritos, coalhadas e outras comidas típicas. Às vezes, antes disso, já têm tomado uns bons copos de leite cru, tirados no curral, ordenhados numa caneca, diretamente do peito da vaca. Estão prontos para a luta, para a labuta diária. Somente aí se deparam com o alvorecer. O sol então começa a despontar com seus raios tímidos, numa intensidade crescente, iluminando aos poucos o novo dia, que começa a nascer.

Um vento frio circula pelo campo, acariciando o rosto e o corpo do sertanejo, como se, com esse afago e lisonja, estivesse querendo compensá-lo pelo calor que terá de enfrentar nas horas mais quentes do dia. As colinas, as serras e as montanhas se deixam vislumbrar à distância, com seus contornos nítidos, compondo a bela paisagem, misteriosa, enigmática e encantadora do sertão. Os galos que, com sua cantoria, às vezes servem como despertador, silenciaram, sendo substituídos por alguns pássaros, que gorjeiam alegremente, como se, com sua melodia, estivessem reverenciando a brisa agradável, o sol que nasce e o despertar do novo dia. Assim, começam as manhãs sertanejas.

Afora os meses que caem as chuvas, os dias no sertão são tomados por um sol forte e causticante, responsável por temperaturas elevadas, que aumentam a evaporação dos açudes e das barragens. O vento que muitas vezes corre solto, algumas vezes nos

abandona, quase fazendo parar a brisa matutina que logo cedo se iniciou. Nesses momentos tudo fica inerte, imóvel, silencioso, principalmente ao meio-dia quando a temperatura atinge o ápice, fazendo com que todos se recolham um pouco. Uma boa sombra é recomendável durante algum tempo, aguardando que o calor amenize, para retomar as atividades. Durante esse período, que representa a maior parte do ano, os rios, quase todos temporários, estão secos. Os pequenos barreiros agonizando. Os açudes de médio e grande porte continuam resistindo, mantendo a água armazenada, até por vários anos, mesmo quando ocorrem secas, dando o suporte hídrico necessário à sobrevivência dos homens e animais do sertão.

É nesse intervalo de tempo que caem as folhas das plantas e os capins panasco e mimoso, ao lado das leguminosas e outras espécies nativas que servem de alimento para o gado, encontram-se secos, mas cumprindo bem o seu papel, mesmo nas grandes extensões dos tabuleiros. As árvores sem folhas, com seus galhos curvos, tortuosos, flexuosos ou eretos, projetam-se no espaço e nos horizontes do sertão. Essa vegetação, observada à distância, adquire uma coloração acinzentada e um aspecto árido e sombrio, exceção feita aos juazeiros, oiticicas, algarobeiras, pereiros e tantos outros, que mantêm as folhas verdes e aparecem de quando em quando, no meio da flora desanimada, esmorecida e desalentada, quebrando a monotonia da paisagem sertaneja.

As casas de campo no sertão, geralmente são construções bastante antigas, localizadas em terreno elevado, que permite melhor ventilação e faz valer antigo costume, pois do alto poderiam melhor se proteger de algum possível ataque de malfeitores, cangaceiros, intrusos ou inimigo qualquer. Possibilitam observar grandes extensões de terras, trazendo aos olhos a visão harmônica dos poentes, com a fuga melancólica dos últimos raios do sol e seus reflexos vermelho-púrpura, que se espriam e dispersam lentamente envolvendo os vales e as serras, com uma luminosidade cada vez menos intensa.

Nesse momento, alguns animais encontram-se pastejando à distância, as vacas de leite presas nos currais, os trabalhadores encerram as atividades e as máquinas forrageiras emudecem. O silêncio começa a chegar de forma prolongada, aumentando a tranqüilidade no campo. O sertanejo fita o horizonte com serenidade como se esses últimos raios de um sol, que foi ardente e causticante, intenso e abrasador, agora na despedida, com esses raios enfraquecidos e cada vez menos intensos, se redime de um dia esbraseado, que castigou e aqueceu o solo.

Muitos aproveitam esse instante para refletir. O pôr-do-sol é a transição entre o cansaço e o descanso, o trabalho e o repouso, a luz forte e ofuscante do dia e as amenidades da brisa noturna. Ele olha para o sol que se vai por entre as espessas e brancas nuvens que contrastam com o forte azul do céu, sem nenhuma mágoa, sem nenhum rancor pelo dia causticante, como se pudesse aprender com a beleza desses últimos reflexos, alguma coisa importante para o seu futuro. O silêncio começa a se apossar de tudo, uma brisa agradável vem chegando, e com ela, a harmonia sedutora das noites do sertão.

As noites chegam com sua mansidão, fazendo a temperatura cair cada vez mais com o passar do tempo. É logo no seu início, após o jantar, que no sertão, as pessoas costumam sentar um pouco nas cadeiras, às vezes de balanço ou espreguiçadeiras, nas calçadas das pequenas cidades ou nos alpendres do campo para trocar ideias, se inteirar das notícias e filosofar a seu modo, quando a franqueza e a sinceridade animam as conversas, presentes nas palavras, nos olhares e nos gestos.

As fazendas envoltas na solidão e nos mistérios da caatinga permitem que seus moradores ou visitantes privilegiados percebam o barulho do silêncio, que se manifesta através do canto de algum pássaro, ou mesmo do tímido e quase imperceptível remexer da galhada das árvores que envolvem as casas. A calma imperturbável, que reina nas noites do campo, no sertão, torna possível ouvir o ruído das folhas rastejando no solo, impelidas por algum vento mais forte. A sonoridade da terra seca e dura do semiárido, amplificada pelo silêncio, possibilita identificar o deslocamento dos animais de maior porte entre as juremas, oiticicas, pereiros e angicos, driblando os cactos e pisoteando a vegetação rasteira de algum capim panasco. O mugir de um boi ou o latido de um cão serão percebidos de longa distância, ressoando com facilidade. E serão apenas esses sons ou ruídos, que vão aumentar o mistério e quebrar o silêncio das noites sertanejas, mas sem tirar o encanto, sem desfazer o mistério, dando voz às noites mudas e calmas do sertão.

As estrelas, bastante visíveis, brilham mais que em qualquer outro lugar do mundo. Possuem uma beleza intensa, indescritível. As estrelas cadentes, rasgam fulgurantes e com brevidade a escuridão do céu, se repetindo sucessivamente num curto espaço de tempo. Nas noites de lua cheia, pode-se presenciar no sertão, toda a imponência, grandiosidade, formosura e perfeição da natureza. Pode-se ver, presenciar, assistir e até tentar descrever. Mas será impossível conseguir sua reprodução, pois esse quadro não pertence aos pintores, cujos pincéis e tintas, não vão conseguir pintá-lo. Nem aos fotógrafos, que com suas lentes e máquinas, por mais tecnologia que possuam, não vão conseguir retratá-la. Porque essas noites têm dono. Essas noites com essa lua, são de propriedade dos poetas, românticos e sonhadores, que, com sua arte e sentimento, poderão descrevê-las em seus versos, como fez Catulo da Paixão Cearense, em seu poema.

“Luar do Sertão”:

Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão
Não há ó gente, ó não
Luar como esse do sertão

Oh que saudade do luar da minha terra
Lá na serra branquejando folhas secas pelo chão
Esse luar cá da cidade tão escuro
Não tem aquela saudade do luar lá do sertão...

Se a lua nasce por detrás da verde mata
Mais parece um sol de prata prateando a solidão
E a gente pega na viola que ponteia
E a canção e a lua cheia a nos nascer do coração.

O sertão tem sua beleza no inverno, com o verde tomando conta da paisagem, mas é igualmente admirável nos períodos de estiagem. O sertão seco, duro, quente, com sua gente temperada na aspereza da vida não perde seus encantos nos períodos secos. Foi esse sertão de contrastes, que mais encantou nosso fundador Câmara Cascudo na sua infância, quando por lá passou alguns anos e tão bem traduziu tudo isso no seu poema: “Não Gosto de Sertão Verde”.

“Prefiro o sertão vermelho, bruto, bravo
Com o couro da terra furado pelos serrotes
Hirtos, altos, secos, híspidos”.

Valho-me aqui do precioso trabalho do nosso confrade Dácio Galvão na sua tese, citando a carta que Cascudo dirigiu a Mário de Andrade, quando assevera poeticamente que é sertanejo e amigo teimoso das cores primitivas.

O sertão com o qual Luís da Câmara Cascudo mais se identificava era esse sertão. O mesmo de Guimarães Rosa, quando disse: “O sertão é dentro da gente”.

O sertão de Guimarães existe e ao mesmo tempo é um lugar ficcional, resumido na definição de Riobaldo, o jagunço filósofo, “sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte que o lugar”.

Assim também me sinto eu ao fazer esse pronunciamento hoje, tendo voltado ao meu sertão do Caicó e dedicado algum tempo a observar o que sempre esteve lá. A vida, a paisagem, a cultura, a beleza e o encantamento do sertão.

Sr presidente
Srs Acadêmicos:

Após essa digressão sobre a paisagem sertaneja, volto a refletir sobre a importância de estar aqui, com a responsabilidade de integrar a Academia Norte Riograndense de Letras.

Vim morar em Natal aos 10 anos de idade e foi aqui que estudei minha vida quase toda. Inicialmente no Colégio Marista, de onde saí para ingressar na Faculdade de Medicina da UFRN e concluir meu curso. Passei então a percorrer minha trajetória de vida.

Saí, sem ter saído do sertão, me tornei médico por formação e político por vocação. Na política ocupei alguns cargos e funções e hoje sou prefeito reeleito de Natal. Nos últimos tempos, mesmo ocupando esse cargo que exige tanto esforço e dedicação, lancei dois livros e agora passo a ser confrade de tão ilustres acadêmicos.

Uma observação mais atenta vai nos mostrar que desde os tempos mais antigos, Medicina e Literatura caminham juntas, de mãos dadas. Não é difícil encontrar grande número de colegas médicos, que também mantiveram a vocação para as letras e a elas se dedicaram de uma forma mais ou menos intensa.

De Tchekov a Moacyr Scliar, dois gigantes das letras, que podem ser comparados a outros consagrados escritores, também com formação na Medicina como Miguel Couto, o já citado Guimarães Rosa, Joaquim Manoel de Macedo, Pedro Nava, Aloysio Castro entre tantos outros.

Poderia citar aqui, nessa nossa academia, já permitam-me chamá-la assim, Raul Fernandes, Paulo Balá, Januário Cicco, o professor Mariano Coelho, Grácio Barbalho, José de Anchieta Ferreira, meus professores Ernani Rosado, Daladier da Cunha Lima,

Iaperi Araújo e Armando Negreiros. Temos ainda o professor Onofre Lopes, cuja contribuição na vida da pequena Natal de sua época é incontestável.

Senhor Presidente,

A difusão, a propagação do conhecimento e da cultura se faz através da palavra escrita ou falada. Durante algum tempo, existiram polêmicas sobre qual das duas formas, seria a mais importante. Eu, sem querer polemizar com ninguém, acho que ambas as formas são equivalentes.

O cristianismo por exemplo, sendo a maior religião do mundo com seus 2,4 bilhões de seguidores, teve em Jesus Cristo o seu principal pregador. Ele divulgou sua doutrina que se disseminou mundo afora sem utilizar nada escrito, usando apenas a palavra falada, com seus sermões e parábolas.

Enquanto isso, alguns filósofos para divulgar sua ideologia ou pensamentos doutrinários, preferem utilizar a palavra escrita e o fazem através de livros, crônicas ou manifestos.

No meu caso, a palavra falada e o palavra escrita são utilizadas da mesma forma. Assim falo em público constantemente, como está registrado no livro “O que Eu Tenho a Dizer”. Mas a palavra escrita também tem sido muito utilizada por mim em textos, escritos, livros e artigos. São ambas as formas valorizadas por mim para a divulgação de ideias.

O mesmo se dá em relação a pessoas com vocação política, que se dedicam a essa atividade sem perder a veia literária. Não serei o primeiro e nem o único. Esta casa já abriga ou abrigou grandes nomes da política, como da mesma forma, está registrado na história da Academia Brasileira de Letras e outras academias congêneres, Brasil afora.

Vamos começar pela Academia Brasileira de Letras. Pelo seu fundador Machado de Assis. Diz-se que ele não foi deputado e não disputou mandato eletivo, portanto pode se afirmar que ele é apolítico. Não é o que diz Raimundo Magalhães Júnior, também membro da Academia Brasileira de Letras, teatrólogo, jornalista, biógrafo, no seu livro “Machado de Assis desconhecido”, (Civilização Brasileira, p. 73 e segs.) onde ele escreve a melhor e mais credenciada biografia de Machado de Assis e discorre sobre esse assunto, ao tratar de Machado de Assis e a política.

O capítulo comprova essa veia política, informando que Machado de Assis chegou a ser cogitado como candidato a deputado federal pelo estado de Minas, com o apoio de Saldanha Marinho, então presidente da província de Minas Gerais. Reforça e confirma esse mesmo relato, Oscar Dias Correia, em uma palestra proferida na Academia Brasileira de Letras.

Continuando, podemos lembrar Getúlio Vargas que ocupou a cadeira 37 e chegou a Academia em 1941, quando fez a transição da democracia para o autoritarismo, apresentando como sua obra, uma coletânea de discursos “A Nova Política do Brasil”, contendo seus pronunciamentos, com o total de onze volumes.

José Sarney foi presidente da República e ocupou a cadeira 38 da Academia Brasileira de Letras. Tem como trabalhos apresentados o livro de contos “Norte das Águas” e na poesia “Marimbondos de Fogo”, além do romance “O Dono do Mar”.

Em seguida podemos citar Rui Barbosa, que ocupou a cadeira 10 de 1849 a 1923. Foi deputado federal e senador pela Bahia. Ministro da Fazenda e presidente da Academia Brasileira de Letras com várias obras literárias. Dispensa citação das mesmas pela grande quantidade e por ser um dos expoentes da política e da cultura nacional.

João Neves da Fontoura (1897-1963) ocupou a cadeira 2 da Academia Brasileira de Letras, desempenhou mandatos eletivos e foi Ministro das Relações Exteriores. Era advogado e jornalista.

Aníbal Freire da Fonsêca. Cadeira 3. (1884-1970). Deputado estadual e federal. Secretário de estado. Ministro da Fazenda e ministro do STF. Escreveu obras de História e uma biografia de Rosa e Silva.

Cândido Mota Filho. (Cadeira 5). Deputado por São Paulo. Ministro da Educação e Ministro do STF. Tem como principais obras: A Vida de Eduardo Prado e Ensaio sobre a Timidez.

Afonso Pena Júnior. (1879-1968). Cadeira 7. Deputado Federal e Ministro da Justiça. Foi cogitado como candidato a presidência da República em 1950.

Hermes Lima (1902-1978). Cadeira 7. Deputado estadual e federal. Ministro do Trabalho e Previdência. Das relações Exteriores. Casa Civil. Ministro do STF. Obras: Biografia de Anísio Teixeira e Tobias Barreto: A Época e o Homem.

Darcy Ribeiro. Ocupou a cadeira 11. Foi Vice governador e senador pelo Rio de Janeiro. Foi Ministro Chefe da Casa Civil. Escreveu O Povo Brasileiro e Os Índios e a Civilização, além de muitos outros livros. Era antropólogo e escritor.

Lembro ainda grandes tribunos e influentes políticos brasileiros como Joaquim Nabuco, Menotti Del Picchia, Afonso Arinos de Melo Franco, Assis Chateaubriand, Luiz Viana Filho, Gilberto Amado, Roberto Simonsen, Otávio Mangabeira, Tales Pacheco, Lafayette Rodrigues Pereira, João Luís Alves, Lauro Miller, Maurício Medeiros, José Américo de Almeida, Augusto de Lima, Olegário Mariano, Levy Carneiro, Alcântara Machado, Pedro Lessa, Eduardo Prado e José Carlos Macedo Soares.

Aqui, no nosso chão, Floriano Cavalcanti, Eloy de Souza, Juvenal Lamartine, José Augusto, Sylvio Pedroza, Aluizio Alves, Agnelo Alves, Geraldo Melo, meu colega de Assembleia Legislativa Valério Mesquita, para citar apenas alguns e lembrar aqui, um especial.

Me refiro ao Patrono da Cadeira 6, que, para minha honra, passo a ocupar a partir de hoje: Luís Carlos Wanderley. Não sei se por uma dessas coincidências da vida ou por obra do destino, também médico e político.

Assim como eu, saiu do interior para a capital. No seu caso, da cidade do Açu, então Vila Nova da Princesa, quando nasceu, no dia 30 de agosto de 1831, e veio para Natal, onde viveu até o final dos seus dias. Casou-se com Francisca Carolina Wanderley e juntos, tiveram os filhos poetas Celestino, Ezequiel e Maria Carolina Wanderley.

Do seu segundo casamento com Maria Amélia Wanderley teve os filhos Segundo Wanderley e Sandoval Wanderley, que dá nome ao nosso teatro municipal no bairro do

Alecrim, o qual estamos reformando, para depois de anos de abandono, entregar novamente à população de Natal, como instrumento de produção e divulgação da cultura.

Luiz Carlos Wanderley foi poeta, ficcionista, político, jornalista, teatrólogo e professor do Atheneu. Tudo isso paralelamente a profissão de médico, formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 5 de dezembro de 1857, sendo assim o primeiro médico norte-rio-grandense.

Na política chegou a vice-presidente da Província e ocupou a presidência, cargo hoje equivalente a governador, pelo curto período de 12 dias. Foi deputado provincial, a partir de 1858 até 1882, mais de 100 anos antes de eu ter a honra de chegar a Assembleia Legislativa do nosso Estado e, na condição de presidente daquela Casa Legislativa, também ocupar interinamente o cargo de governador do Rio Grande do Norte.

Luiz Carlos foi pioneiro na medicina e nas letras. É autor do primeiro romance potiguar: “Mistérios de um Homem Rico”, mas também incursionou pela poesia com Lira de Amor e deu início a uma tradição familiar ligada ao teatro, tendo escrito várias peças, como A Restituição, Amor de Um Anjo, O Anjo da Noite, Prêmio da Viúva, A Feiticeira e Impressões de Uma Viagem.

Uma outra peça sua - A Louca ou o Riso da Dor - foi encenada pela companhia de Francisco Xavier dos Santos, encerrando uma temporada em Natal (1865). Historicamente, é a primeira peça de um autor norte-rio-grandense montada por uma companhia de profissionais.

Como fundadora da cadeira, tivemos a poeta Maria Carolina Wanderley, neta do patrono. Como ele, também nasceu em Açu, no dia 4 de janeiro de 1891, e faleceu em Natal, no dia 25 de agosto de 1976, aos 85 anos.

Além de se dedicar à poesia, foi professora, compositora, musicista e pianista. Em 1922, musicou o poema “Alice”, composto pelo imortal Othoniel Menezes. Isso tudo numa época que muitas vezes os pais proibiam as filhas de estudar e as mantinham trancadas dentro de casa, reclusas para o casamento e a família.

Mas, vivendo num período em que as mulheres começaram a luta pelos seus direitos, Carolina foi revolucionária ao fundar em 1914 a revista Via Láctea, junto com a prima Palmyra Wanderley, editando uma revista mensal escrita por mulheres, numa época em que toda a imprensa era formada por redatores masculino.

Carolina e Palmira são legítimas representantes da força intelectual da família Wanderley, que nos tem nos tantos nomes expressivos na vida intelectual do Rio Grande do Norte, e são as primeiras mulheres a entrarem para a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

Seu sucessor na cadeira de número 6 foi Gumercindo Saraiva de Moura, outro compositor e musicista. Filho do poeta e seresteiro Gabriel Saraiva e de Maria de Moura, nasceu em João Câmara, à época Baixa Verde, no ano de 1915 e faleceu em Natal em 1988.

Além de compositor e violonista, foi cordelista, glosador e cronista da vida cotidiana em diversos jornais do Estado, membro também da academia de Trovas do Rio Grande do Norte.

Profissionalmente atuou como professor de história da música e também dava aulas de violino no Instituto de Música de Natal. Gumerindo Saraiva era o que se poderia chamar hoje um ativista cultural, dedicado especialmente à pesquisa e sempre disponibilizando seu acervo, para tantos quantos dele quisessem dispor para realizar novas pesquisas, especialmente sobre a história da música, assim como fez nossa confrade Leide Câmara.

Sua ligação com a música, o fez abrir a Casa da Música, na avenida Rio Branco, ponto de encontro de quantos gostavam e viviam em torno da música, profissionalmente ou por diletantismo. Lá podiam trocar ideias ou debater temas da época.

Com o seu falecimento em 1988, a Academia elegeu para ocupar sua cadeira o professor João Batista Pinheiro Cabral, também nascido na terra dos poetas, como o patrono desta Cadeira. Ele era um poliglota, casado com Joan Marie Cabral, tendo escrito em inglês, francês e espanhol.

Também era pesquisador e tinha mestrado na University of New York, nos Estados Unidos, onde também chegou a cursar doutorado em História da América Latina. Foi professor de história na Universidade de Brasília e deu uma grande contribuição à cultura e às letras potiguaras. Proferiu palestras e desenvolveu trabalhos que compuseram publicações técnicas no campo das ciências sociais. Foi membro atuante desta Casa até os primeiros meses desse ano, com participação efetiva nos trabalhos aqui desenvolvidos.

Destaco entre tantos trabalhos publicados, um que me chamou atenção e foi publicado na revista dessa Academia de Letras, com o título: “Algumas Fontes para o Estudo da História do Brasil em Portugal: Uma Nota Introdutória”

Apesar de toda essa formação erudita e da vivência acadêmica, era uma pessoa muito simples e de um bom humor ímpar. Excepcional frasista, tratava a todos com respeito como são testemunha os servidores que com ele conviveram no Tribunal Regional do Trabalho ou no Tribunal de Justiça, do Rio Grande do Norte. Em ambos, ocupou a direção geral, além de ter servido ao nosso Estado ocupando secretarias, por onde deixou sua marca indelével.

Senhor presidente Diogenes da Cunha Lima, minhas senhoras e meus senhores.

Assim chegamos até aqui. Entro nesta academia pela generosidade de vocês e tenho que registrar um agradecimento especial a minha família, minha mulher e meus filhos, com quem tenho dividido minha vida entre tantos afazeres na lida diária da política e nesses últimos cinco anos, com o tempo ainda mais exíguo diante das demandas, com as quais tenho que lidar, já que assumi a responsabilidade de administrar uma cidade do tamanho, forma e complexidade de Natal.

Mesmo enfrentando esse desafio diário, mantenho comigo o compromisso de dedicar o mais que posso de meu tempo à leitura e a pesquisar temas com os quais me identifico, especialmente os relativos à história do Brasil.

Foi assim que decidi publicar num curto espaço de tempo, dois livros que me trouxeram até aqui, na noite de hoje. O primeiro uma coletânea de discursos proferidos em ocasiões marcantes da minha trajetória de vida, transportando para o papel a palavra

intrinsecamente presente na vida política, enfatizando sua força na expressão das ideias e mobilizações populares.

O segundo livro é fruto de mais de 10 anos de pesquisa, aprofundando a leitura de grandes temas com referências historiográficas e visitando alguns locais onde se desenrolou a história da nossa brava gente brasileira.

Faço aqui também uma referência aos povos originários desta terra chamada Brasil. Eles que foram escravizados, submetidos a trabalhos forçados e sofreram nas muitas guerras desiguais, nunca contadas pela historiografia convencional, o massacre do colonizador europeu.

Nossa história, senhor presidente, precisa ser revista, reescrita, pelas muitas omissões que nela existem, ou pelos relatos divergentes publicados, diferente de como tudo aconteceu.

Apesar do registro de pesquisadores como Darcy Ribeiro e outros, ainda é muito incipiente o que se divulga sobre a história verdadeira da luta desses povos pela liberdade e pelas terras do lugar onde nasceram.

Milhões de nativos que aqui viviam antes da chegada dos invasores europeus, foram escravizados, mortos e tiveram suas terras tomadas pela força e pela violência. Mas a história, como se sabe, é escrita pelos vencedores e foram os colonizadores, que tentaram demonizar os índios para justificar a escravidão e os trabalhos forçados impostos nos engenhos e nas fazendas coloniais, que escreveram essa história.

Com mais tecnologia e poderio militar, os colonizadores eram sempre vencedores nessas batalhas, passando a disseminar informações falsas para brutalizar e satanizar os povos originários, numa tentativa de justificar os maus tratos e a aniquilação completa de nações e povos, que aqui viviam com sua cultura e suas características próprias.

Essa história, senhor presidente é pouco conhecida, pois muito dela nos foi contada por escritores, historiadores e memorialistas comprometidos com o projeto da colonização portuguesa, que por motivos óbvios, suprimiram muito do que aqui aconteceu no período colonial.

Além disso, temos de ressaltar a ação do Conselho Ultramarino, que aprovava ou não, a edição e publicação de livros durante todo o período colonial. Por determinação desse Conselho, que funcionava como órgão censor da Coroa Portuguesa, o livro Cultura e Opulência do Brasil, escrito pelo jesuíta André João Antonil, foi recolhido e queimado. Como ele, muitos outros deixaram de ser publicados, censurados que foram, nessa época.

Esse foi um assunto que sempre me interessou e sobre o qual busquei ler bastante e conhecer profundamente. Aqui mais uma “coincidência”. Foi nos sertões do Açu, terra de Luiz Carlos Wanderley, e do Seridó, onde nasci, que se desenrolaram as sangrentas lutas entre povos nativos e invasores portugueses, no que se convencionou chamar de Guerra dos Bárbaros. Uma reação dos povos originários desse nosso Rio Grande do Norte à escravização.

Claro que temos trabalhos valiosos sobre o tema. Ninguém pode desconhecer a contribuição de autores como Câmara Cascudo com suas pesquisas etnográficas ou

escritores como Oswaldo Lamartine que tanto pesquisou sobre o Seridó, seus costumes e sua gente, nos quais é possível vislumbrar as influências dos povos primitivos. Também há trabalhos valiosos de autores de outras partes do Brasil que tratam sobre esses conflitos.

Mas definitivamente não há ainda espaço equivalente nos livros, nem no ensino de história, para a influência dos nativos na formação do Brasil em relação ao aspecto cultural, dos costumes e dos hábitos ancestrais desses povos.

Meu livro é uma contribuição para que esse debate se mantenha vivo e uma forma de resgate da luta de um povo pela liberdade, ante a opressão invasora. Afinal, como disse Nevinson. “Nós costumamos perder a liberdade como costumamos perder o amor. Porque depois da conquista, achamos que podemos sentar e cruzar os braços. É preciso que se saiba que a luta pela liberdade, assim como a luta pelo amor não termina nunca”. Portanto não podemos parar, transigir nem tergiversar na luta pela liberdade. Ela representa um requisito básico para todos os povos, de todas as nações.

Meus queridos confrades, estar com vocês neste cenáculo, me dignifica como ser humano e me incentiva como aprendiz no mundo das letras e na continuidade da atuação política.

Passo a fazer parte desta Casa para aprender, para conhecer mais e, no que couber e souber, dar também minha contribuição para o engrandecimento e para a disseminação da cultura do povo potiguar através desta Academia de Letras. Lembro aqui as palavras de Voltaire: “Quanto mais eu leio, quanto mais aprendo, mais eu sei que nada sei.” Mostrando que o homem, na verdade, será sempre um eterno aprendiz. Estou consciente disso.

Agradeço o acolhimento, com júbilo e plena gratidão pela confiança depositada em mim. Tenham certeza que tudo farei para contribuir com essa Academia, no que puder fazer. Envidarei todo o esforço possível para colaborar com trabalho, imaginação e dedicação no engrandecimento dessa augusta, digna e colenda Casa.

Às senhoras e aos senhores prometo um fraterno convívio dentro do mais alto espírito democrático, de respeito e admiração.

Deixo esta tribuna sentindo-me fortalecido pela guarida recebida e disposto a dar as mãos a todos para o engrandecimento da tradição e da história desta insigne Academia Norte Riograndense de Letras.

Muito obrigado a todos.